



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

JANE AUSTEN

PERSUASÃO



JANE AUSTEN nasceu em Steventon, Inglaterra, a 16 de dezembro de 1775, a sétima de oito filhos do pároco local, George Austen, e de Cassandra (Leigh) Austen. A sua educação deu-se, por constrangimentos de saúde e financeiros, maioritariamente em casa, onde o ambiente era de abertura e a leitura, incentivada. Com acesso livre à biblioteca do pai, cedo começou a dedicar-se à escrita. Aos dezassete anos, escreveu *Lady Susan*, um ambicioso primeiro romance, epistolar. Em 1796, com vinte e um anos, termina *First Impressions*, que o pai tentaria publicar junto de um conhecido editor em Londres e que viria a ser rejeitado. Em 1801, motivada pela reforma do pai, a família mudou-se para Bath, importante centro da aristocracia britânica. O período que aí passou será um dos menos produtivos da sua vida. A morte súbita do pai, em 1805, deixa a família numa situação financeira precária, forçando-os a mudar de casa várias vezes até se estabelecerem, em definitivo, em Chawton, em 1809. Em 1811, Austen publicou, com razoável sucesso junto do público e da crítica, *Sensibilidade e Bom Senso*, e, em 1813, *Orgulho e Preconceito*, uma revisão do seu segundo romance. Nenhum dos dois textos, hoje clássicos da literatura mundial, foi impresso com o seu nome, o mesmo tendo acontecido aos restantes títulos que publicou em vida, *Mansfield Park*, em 1814, e *Emma*, em 1816. Nesse mesmo ano, começou a manifestar-se a doença de que morreria em 1817. Numa corrida contra o tempo, Austen escreveu *Persuasão*, que viria a ser publicado postumamente, em 1818, junto com *Northanger Abbey* e com uma nota biográfica do seu irmão, Henry Austen, que, pela primeira vez, identificava Jane como autora. O seu inconformismo social e sentido crítico, expostos com subtil ironia e elegância, bem como a criatividade dos seus enredos e a envolvente construção psicológica dos seus protagonistas são alguns dos elementos mais marcantes de uma obra intemporal, que é, ainda hoje, lida e estudada em todas as línguas. As inúmeras e contínuas adaptações dos seus romances ao cinema e ao teatro são reflexo da genialidade de Jane Austen, uma das maiores escritoras do século XIX.

DULCE MARIA CARDOSO publicou *Eliete* (2018), *O Retorno* (2011), *O Chão dos Pardais* (2009), *Os Meus Sentimentos* (2005, Prémio da União Europeia para a Literatura) e *Campo de Sangue* (2001).

Os seus romances estão traduzidos em várias línguas e disponíveis em mais de duas dezenas de países. Publicou contos em revistas e jornais, a maioria dos quais reunida nas antologias *Até Nós* (2008) e *Tudo São Histórias de Amor* (2014). A obra de Dulce Maria Cardoso é estudada em universidades de diversos países, fazendo parte de programas curriculares, e tem sido objeto de várias teses académicas, bem como adaptada a cinema, teatro e televisão. Em 2012, recebeu do Estado francês a condecoração de Cavaleira da Ordem das Artes e Letras.

ALDA RODRIGUES nasceu em 1973. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (variante Português-Inglês). Entre 1996 e 2006, trabalhou em lexicografia a tempo inteiro, altura em que foi responsável pela coordenação de edição ou atualização de vários dicionários. Entre 2007 e 2015, fez um mestrado e um doutoramento em Teoria da Literatura; na dissertação de mestrado, escreveu sobre o papel das palavras no cinema; na tese de doutoramento, escreveu sobre coleções e museus. Nos últimos anos, tem-se dedicado exclusivamente à tradução literária. Traduziu autores como Marilynne Robinson, Stanley Cavell, Patrick Leigh Fermor, Henry David Thoreau, Jane Austen e Ben Lerner. Escreve a coluna *Faca de Papel* para a revista *Forma de Vida* e é autora, com Alexandre Andrade, do blogue *Ciné-filo Preguiçoso*.

ÍNDICE

O ÚLTIMO ATO	
<i>By a lady</i>	vii
Persuasão	1
I	3
II	11
III	17
IV	27
V	33
VI	43
VII	55
VIII	65
IX	75
X	85
XI	97
XII	107
XIII	123
XIV	131
XV	139
XVI	147
XVII	155
XVIII	165
XIX	177
XX	185

XXI	195
XXII	215
XXIII	233
XXIV	253
NOTAS	259

O ÚLTIMO ATO

By a lady

Numa das janelas abertas no ecrã do meu computador, tenho a imagem de um sólido e sisudo casarão, situado perto da cidade de Alton, no condado de Hampshire. Semelhante a outras mansões mandadas erguer por abastados senhores rurais, esta casa, conhecida como Chawton Cottage, tornou-se única. Ainda que, arquitetonicamente, nada a distinga de outras da sua época — grossas paredes de tijolo burro laranja, janelas de guilhotina brancas, chaminés altivas —, foi nela que Jane Austen, a sétima filha de George Austen e da mulher, viveu os últimos oito anos de vida, acompanhada pelas suas duas Cassandras — a mãe e a irmã —, ajudada pelo irmão Edward, terminando assim um período de grande instabilidade económica. Nesta casa, sentada a uma pequena e indistinta mesa de madeira cuja fotografia também se encontra disponível na internet, Jane Austen trabalhou a quase totalidade da sua obra literária: reviu *Sensibilidade e Bom Senso*, *Orgulho e Preconceito* e *Northanger Abbey* e escreveu *Mansfield Park*, *Emma* e, finalmente, *Persuasão*. Este último romance foi publicado postumamente, tal como *Northanger Abbey*. Jane Austen morreu em 1817, aos quarenta e um anos de idade. Nas primeiras décadas do século XIX, a esperança de vida rondava os trinta e três anos, pelo que a escritora não morreu tão nova como hoje pode parecer-nos. Mas talvez não tenha vivido o suficiente para suspeitar que os seus seis magníficos romances

a fariam entrar a pés juntos na História da Literatura: a filha de um padre anglicano e reitor de paróquia mudou o cânone da Literatura, ao transformar o quotidiano doméstico e os seus nada extraordinários sujeitos em complexa e refinada matéria literária.

As imagens que o computador me fornece de Chawton Cottage conduzem-me a outros lugares desse mundo virtual a que atualmente não conseguimos escapar, um mundo que — arrisco dizê-lo — teria seduzido a arrojada Jane. Sigo por uma ligação que garante disponibilizar o retrato oficial da autora. Vou ao engano. A única imagem fidedigna da mulher que tão bem soube retratar os seus contemporâneos e refletir sobre as convenções sociais e culturais que os espartilhavam, da mulher que descreveu tão sagazmente a paisagem rural e a vida nas pequenas cidades inglesas do princípio do século XIX, o único retrato fidedigno que dela ficou para a posteridade foi desenhado a carvão pela sua adorada irmã Cassandra. Nele, Jane é uma jovem mulher de toucado, com uma mecha de caracóis a adornar-lhe a cara. As suas feições medianas não deixariam memória em quem por ela passasse. Os olhos entristecidos, as mãos cruzadas à altura do peito, uma jovem mulher a quem a breve vida já rebaixara com dor em demasia. Olhando para este retrato, é quase impossível não recordar a forma como Jane descreve a protagonista de *Persuasão*, Anne Elliot, filha de Sir Walter Elliot, um vaidoso, fútil e endividado baronete:

Poucos anos antes, Anne Elliot fora uma menina muito bonita, mas a sua frescura cedo se desvanecera; e, mesmo no seu auge, o pai tinha encontrado pouco que admirar nela (tão diferentes dos dele eram as suas feições delicadas e os seus brandos olhos escuros); agora, que Anne tinha murchado e emagrecido, menos ainda encontrava nela alguma qualidade capaz de despertar a sua estima.

Terá Jane Austen decidido criar para Anne Elliot o final feliz que a sua vida insistia em negar-lhe? Acreditaria ela, já envelhecida, que continuava a haver a tal segunda oportunidade que a maioria

dos estudiosos afirma ser o cerne do romance? Quereria Jane que Tom Lefroy, o namorado que a abandonou em jovem, por nem um nem outro terem fortuna bastante, voltasse para ela? Essa confiança desmesurada no amor tê-la-á impedido de se casar com o endinheirado Harris Bigg-Wither e de ficar, assim, a salvo da pobreza a que uma solteirona de então estava tendencialmente destinada? Que se terá passado na noite entre a aceitação da proposta de casamento e a sua recusa na manhã seguinte? Terá mesmo levado a sério o arriscado e revolucionariamente feminista plano de ganhar o próprio dinheiro, escrevendo? Durante a sua vida, na capa dos seus romances lia-se *By a Lady* ou *By the author of Sense and Sensibility*, em vez do seu nome. De quem ou de quê queria ela proteger-se?

A ficção não serve para desmascarar os segredos do autor, e *Persuasão* não responde diretamente a nenhuma destas perguntas. No entanto, em cartas dirigidas à irmã Cassandra e à sobrinha Fanny, as considerações que a autora faz sobre o amor não diferem muito das proferidas pela cautelosa e ponderada Anne Elliot. Talvez a história de amor de *Persuasão* seja o ensaio possível de uma vida mais feliz:

[Jane,] *que tinha ouvido tudo com muita atenção, deixou a sala, em busca de ar fresco para as faces ruborizadas. Caminhando pelo seu bosquezinho preferido, disse, com um suave suspiro:*

— *Daqui a alguns meses, é possível que ele passeie por aqui.*

No romance, este **ele** é o voluntarioso e destemido Frederick Wentworth, com quem Anne Elliot vivera uma bonita e inocente história de amor, terminada há mais de sete anos, a conselho de Lady Russel: Anne Elliot devia casar com alguém da sua condição, e Frederick Wentworth não tinha berço nem fortuna. Só que, aquando do reencontro dos dois, quase tudo havia mudado. Ele continuava um belo homem, mas transformara-se no irrepreensível oficial de Marinha que as guerras haviam enriquecido, mal reconhecendo Anne Elliot, tão diferente e acabrunhada ela estava:

Tinham sido tão importantes um para o outro! E, agora, nada. (...) não poderia haver outros dois corações tão abertos, com gostos tão parecidos, sentimentos tão em sintonia e rostos tão amados. Agora, eram como estranhos — não, pior do que estranhos, porque nunca poderiam aproximar-se. Viviam um afastamento perpétuo.

Persuasão foi escrito há mais de dois séculos, mas os que já sofreram do mal de amor reveem-se nos tormentos por que passam Anne e Frederick, tal a mestria com que Jane Austen nos descreve os seus estados de alma. Enquanto houver um homem e uma mulher apaixonadamente desencontrados, *Persuasão* será um romance atual. Solidarizamos-nos com o coração magoado de Frederick por Anne o ter deixado, partilhamos o ciúme que as alegres manas Musgrove suscitam em Anne, entusiasmos-nos com os tímidos sinais de reaproximação, tememos as artimanhas do herdeiro vilão, William Walter Elliot, rejubilamos com o princípio do final feliz:

Pela primeira vez desde que tinham voltado a encontrar-se, Anne sentiu que traía menos sentimentos do que ele. Tivera os momentos anteriores para se preparar. Nela, os primeiros efeitos avassaladores, ofuscantes e desconcertantes daquela grande surpresa já tinham passado. Ainda assim, sentia emoções que chegassem! Agitação, dor, prazer, algo entre o arrebatamento e a tristeza.

Desengane-se, todavia, o leitor que crê que *Persuasão* se resume à história de amor de Anne e Frederick, um romance sentimental. A história de amor é o potente músculo narrativo que robustece estruturas ósseas e orgânicas perfeitas, e que é revestido por carne, sangue e pele de sensibilidades e funcionalidades extremas. Impiedoso, o romance revela as apertadas regras de convivência social, descrevendo, com humor e sabedoria, a falta de consciência de quem nasce legitimado pelos ancestrais pergaminhos do privilégio. Perspicaz, está atento às mudanças que as guerras e o advento da revolução industrial vão introduzindo na sociedade inglesa, espelhadas, por exemplo, através da família Musgrove.

Os Musgrove, à semelhança das suas casas, estavam em transição, talvez para melhor. O pai e a mãe seguiam o antigo estilo inglês, e os jovens seguiam o novo. O senhor e a senhora Musgrove eram pessoas de bem, simpáticas e hospitaleiras, sem muitos estudos e nada elegantes. Os filhos tinham atitude e modos mais modernos.

E, tendo em conta a genialidade visionária da autora, não poderia estar ausente o reconhecimento do poder com que as mulheres se iriam equipando:

Nenhuma mulher que amasse realmente reagiria assim. O capitão Harville sorriu e perguntou:

— Fala pelo género feminino?

E ela respondeu, a sorrir também:

— Sim. Sem dúvida, não esquecemos tão depressa como vocês nos esquecem. Talvez seja mais por uma questão de sina do que por mérito. Não podemos evitar. Passamos o tempo em casa, fechadas e à mercê dos nossos sentimentos. Vocês andam sempre ocupados. Têm uma profissão, além de interesses e assuntos de vários tipos a tratar, que vos chama imediatamente para o mundo, e essas novidades e afazeres constantes enfraquecem rapidamente as impressões.

Volto às fotografias do sisudo casarão e dos jardins que o rodeiam. Numa das muitas cartas enviadas por Jane à irmã Cassandra, a sua melhor e mais íntima amiga, uma carta anterior à mudança para Chawton Cottage, Jane dá-lhe conta de que:

«Um homem de excelente índole e de cores excelentes, ligeiramente menos caro do que o anterior, tem estado a pôr o nosso jardim em ordem. Os arbustos nas bordas do carreiro de cascalho, segundo ele, são só de roseira-brava e de outra roseira de má qualidade; tencionamos, portanto, procurar rosas de variedade superior, e, especialmente a meu pedido, ele vai arranjar lilases. Não consigo viver sem lilases, por causa dos versos de Cowper.»¹

(Cartas, 8-9 de fevereiro de 1807, de Southampton)

As centáureas e as calêndulas que amplio no ecrã terão sido também mandadas plantar por Jane? Ter-se-á ela encantado com os larícios que agora vejo? Que foi por ela tocado que ainda hoje permanece vivo? Indubitavelmente,

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, no Somersetshire, era um homem que, no que toca à leitura, só retirava prazer da Crónica dos Baronetes; aí encontrava ocupação...

Termino, caro leitor, pedindo-lhe ajuda nisto em que tenho andado a matutar: *Sensibilidade e Bom Senso, Orgulho e Preconceito, Persuasão* e...?

Dulce Maria Cardoso

NOTAS

¹ Referência aos versos «Laburnum, rich,/ in streaming gold; Syringa Iv'ry pure» [Laburno, rico/ em cachos de ouro; lilás, puro marfim] do poema «The Task», de William Cowper (1731-1800).

Persuasão

I

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, no Somersetshire, era um homem que, no que toca à leitura, só retirava prazer da *Crónica dos Baronetes*; aí encontrava ocupação durante as horas livres e consolo nas horas de angústia; aí as suas faculdades eram despertadas para a admiração e para o respeito através da contemplação do que restava dos antigos privilégios; aí quaisquer sensações indesejáveis relacionadas com questões domésticas se transformavam naturalmente em dó e desprezo, à medida que folheava a lista interminável dos títulos concedidos no século anterior; e aí, quando todas as outras páginas falhavam, ele lia a sua própria história com um interesse infalível. Era nessa página que o seu volume preferido se abria sempre:

ELLIOT DE KELLYNCH HALL

Walter Elliot, nascido a 1 de março de 1760, casado a 15 de julho de 1784 com Elizabeth, filha de James Stevenson, Esq. de South Park, no condado de Gloucester, senhora (falecida em 1800) com quem teve Elizabeth, nascida a 1 de junho de 1785; Anne, nascida a 9 de agosto de 1787; um filho nado-morto, a 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida a 20 de novembro de 1791.

Originalmente, este parágrafo viera assim precisamente das mãos do impressor; mas Sir Walter tinha-o aperfeiçoado,

acrescentando, para sua própria informação e também da sua família, estas palavras, depois da data do nascimento de Mary: «Casada, a 16 de dezembro de 1810, com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, Esq. de Uppercross, no condado de Somerset», e inserindo com o maior cuidado a data em que perdera a sua mulher.

Seguiam-se a História e a ascensão desta família antiga e respeitável, nos termos habituais; como inicialmente se estabeleceram em Cheshire; como fora destacada por Dugdale¹, tendo membros seus exercido o cargo de alto xerife, representando uma circunscrição em três parlamentos consecutivos, seguindo-se as recompensas pela lealdade e a concessão do título de baronete no primeiro ano de Carlos II, com todas as Marys e Elizabeths com quem os Elliots se tinham casado; perfazendo duas belas páginas em duodécimo que terminavam com as armas e a indicação: «Residência principal, Kellynch Hall, no condado de Somerset.» Pelo seu próprio punho, Sir Walter acrescentara este final:

«Herdeiro presuntivo: William Walter Elliot, Esq., bisneto do segundo Sir Walter.»

A vaidade era o alfa e o ómega do carácter de Sir Walter Elliot: vaidade na sua pessoa e na sua posição. Fora extraordinariamente atraente na juventude; e, aos cinquenta e quatro anos, continuava a ser um belo homem. Poucas mulheres se preocupariam mais com a aparência do que ele e nenhum criado de um lorde de fresca data estaria mais contente com o lugar que ocupava na sociedade. Considerava a bênção da beleza inferior apenas à bênção da dignidade de baronete; como reunia estes dois dons, Sir Walter Elliot dedicava a si mesmo os mais calorosos respeito e devoção.

A boa aparência e o estatuto tinham contribuído para que fizesse um bom casamento, visto que lhes devia uma mulher de um carácter muito superior ao que o seu próprio carácter merecia. Lady Elliot fora uma excelente mulher, sensata e amável, com um discernimento e uma conduta que, ainda que seja preciso perdoar-lhe

a paixoneta juvenil que fez dela Lady Elliot, não exigiram indulgência posterior. Tolerou, suavizou ou escondeu os defeitos do marido, promovendo o verdadeiro respeito que ele durante dezasseis anos inspirou; e, apesar de ela própria não ser a criatura mais feliz do mundo, encontrou o suficiente nos seus deveres, amigos e filhos para a prender à vida, não lhe tendo sido indiferente o facto de ter sido chamada para os deixar. Três raparigas, as mais velhas com dezasseis e catorze anos, eram um legado que uma mãe temia deixar, uma responsabilidade demasiado delicada para confiar à autoridade e orientação de um pai presunçoso e tolo. Lady Elliot, contudo, tinha uma amiga muito próxima, mulher sensata e honrada, que, devido à grande estima que sentia por ela, se instalara perto, na aldeia de Kellynch. Lady Elliot confiava sobretudo na sua bondade e nos seus conselhos para a ajudar a dar continuidade aos bons princípios e instrução que empenhadamente transmitira às filhas.

Esta amiga e Sir Walter *não* se casaram, independentemente do que a pessoa que tinham em comum imaginara que pudesse acontecer. Treze anos após a morte de Lady Elliot, continuavam a ser vizinhos e amigos próximos — e ainda ambos viúvos.

O facto de Lady Russell, de idade e carácter firmes, além de bem longe de passar qualquer necessidade financeira, não pensar em segundas núpcias dispensa justificação ao público, que, aliás, costuma ficar irracionalmente mais descontente quando uma mulher *volta* a casar do que quando *não* o faz; a circunstância de Sir Walter continuar solteiro, no entanto, exige uma explicação. Que se saiba então que Sir Walter, como bom pai (depois de confrontado com uma ou duas desilusões particulares após pedidos muito pouco razoáveis), se orgulhava de continuar solteiro para bem das filhas. Por uma filha, a mais velha, teria realmente desistido de tudo, embora não tivesse havido muitas ocasiões de o demonstrar. Aos dezasseis anos, Elizabeth assumira, na medida do possível, todos os direitos e a importância da mãe; e, como era muito bonita e muito parecida com o pai, sempre tivera

grande influência sobre ele, dando-se muito bem com o progenitor. Às outras duas filhas, Sir Walter não dava tanto valor. Mary tinha adquirido alguma importância artificial quando se casara com Charles Musgrove; mas Anne, com uma elegância de pensamento e uma doçura de carácter que deviam suscitar grande consideração das pessoas com alguma cabeça, não era ninguém nem para o pai nem para a irmã; o que dizia não tinha peso, o seu conforto passava sempre para segundo plano — era Anne e nada mais.

Para Lady Russell, contudo, Anne era uma afilhada muito querida e muito valorizada, a sua preferida e uma amiga. Lady Russell gostava de todas, mas só em Anne encontrava o vivo retrato da mãe.

Poucos anos antes, Anne Elliot fora uma menina muito bonita, mas a sua frescura cedo se desvanecera; e, mesmo no seu auge, o pai tinha encontrado pouco que admirar nela (tão diferentes eram as suas feições delicadas e os seus brandos olhos escuros dos dele); agora que Anne tinha murchado e emagrecido, menos ainda encontrava nela alguma qualidade capaz de despertar a sua estima. Nunca albergara grandes esperanças, e agora não restava nenhuma, de alguma vez ver o nome dela numa página da sua obra preferida. Associava a Elizabeth todas as esperanças de uma aliança com alguém à sua altura, visto que Mary se limitara a associar-se a uma velha família terratenente respeitável e com uma grande fortuna, deste modo conferindo todas as honras sem receber nenhuma; mais cedo ou mais tarde, no entanto, Elizabeth havia de fazer um casamento adequado.

Pode acontecer que uma mulher seja mais bela aos vinte e nove do que com menos dez anos; de modo geral, se não tiver havido doenças ou ansiedades, é uma época da vida em que quase nenhum encanto se perdeu. Assim sucedia com Elizabeth, que continuava a ser a bela menina Elliot que começara a ser treze anos antes, e por isso Sir Walter tinha desculpa para se esquecer da idade dela, ou pelo menos para ser considerado apenas

um pouco tolo por achar que tanto ele como Elizabeth mantinham a frescura de sempre, enquanto a boa aparência de todas as outras pessoas naufragava, tendo em conta que via perfeitamente como o resto da família e os seus conhecidos envelheciam. Anne macilenta, Mary com feições mais grosseiras, todas as caras da vizinhança mais feias, e a rápida multiplicação de pés de galinha em Lady Russell há muito o angustiavam.

Elizabeth não sentia propriamente a mesma satisfação que o pai. Já era senhora de Kellynch Hall há treze anos, presidindo e governando com uma presença de espírito e uma determinação que nunca transmitiriam a ideia de ser mais jovem do que era. Há treze anos fazia as honras da casa, ditava a lei doméstica, ocupava o lugar de honra na carruagem e seguia Lady Russell em todas as salas de estar e de jantar da região. Em treze invernos de frio equivalente, tinha presidido a todos os bailes importantes que uma zona tão pobre proporcionava, e treze primaveras haviam florescido quando ela viajava para Londres com o pai, para algumas semanas de fruição anual do grande mundo. Quando Elizabeth recordava tudo isto, a consciência de ter vinte e nove anos causava-lhe algumas inquietações e apreensões: tinha perfeita noção de ainda ser quase tão bonita como antes, mas sentia que se aproximava dos anos perigosos e ficaria muito contente se tivesse a certeza de que algum jovem com sangue de baronete lhe faria um pedido de casamento apropriado dentro de um ou dois anos. Então poderia pegar no livro dos livros com tanto prazer como no início da juventude, ainda que, de momento, esse livro não lhe desse prazer. Apresentar sempre a sua própria data de nascimento, indicando apenas a seguir o casamento de uma irmã mais nova, transformava o livro num tormento; e, mais de uma vez, depois de o pai o deixar aberto na mesa ao lado dela, ela o fechava, desviando o olhar e afastando-o para longe.

Além disso, Elizabeth sofrera uma desilusão que aquele livro e sobretudo a história da sua própria família lhe recordariam sempre. O herdeiro presuntivo, o próprio William Walter Elliot,

Esq., cujos direitos haviam sido tão generosamente reconhecidos pelo pai dela, tinha rejeitado Elizabeth.

Desde muito jovem, logo que soubera que seria ele o futuro baronete no caso de ela não ter um irmão, Elizabeth tencionava casar-se com ele, e as intenções do pai sempre tinham sido essas. Não o tinham conhecido em rapaz; mas, logo após a morte de Lady Elliot, Sir Walter procurara aproximar-se dele e, apesar de essa tentativa não ter gerado grande entusiasmo, não desistira, mostrando tolerância para com o pudico retraimento da juventude. Numa daquelas excursões de primavera a Londres, quando Elizabeth estava no primeiro esplendor, o jovem Elliot viu-se obrigado a aceitar a apresentação.

Na altura, era um rapaz muito jovem, que começara recentemente a estudar Direito; e Elizabeth achou-o muitíssimo atraente, confirmando assim todos os planos que tinha em relação a ele. Foi convidado a visitar Kellynch Hall; durante o resto do ano, foi referido em conversa e esperado; mas nunca apareceu. Na primavera seguinte, encontraram-se de novo na cidade; parecendo igualmente agradável, foi mais uma vez encorajado, convidado e esperado, e mais uma vez não apareceu. Vieram a saber que se tinha casado. Em vez de procurar fortuna na linhagem prevista para o herdeiro da casa de Elliot, comprara a independência unindo-se a uma mulher rica de estatuto inferior.

Isto não tinha agradado a Sir Walter. Enquanto chefe da sua família, sentia que devia ter sido consultado, sobretudo depois de se ter relacionado tão publicamente com o rapaz: «Porque devem ter-nos visto juntos», comentou, «uma vez em Tattersal, e duas no átrio da Câmara dos Comuns.» Expressou a sua condenação, mas, pelos vistos, ninguém lhe prestou muita atenção. O Sr. Elliot não tentara desculpar-se e mostrara tão pouco desejo de manter o contacto com a família como Sir Walter o considerava indigno disso: todo o contacto entre ambos cessara.

Apesar de já terem passado vários anos, esta história tão desconfortável com o Sr. Elliot ainda era recordada com ressentimento

por Elizabeth, a quem ele agradara por ser quem era e ainda mais por ser o herdeiro do pai, e cujo forte orgulho familiar só nele via alguém à altura da filha mais velha de Sir Walter Elliot. Entre os baronetes de A a Z, não havia outro que ela com tanta boa vontade quisesse reconhecer como igual. Ele, contudo, tinha-se comportado de modo tão infeliz, que Elizabeth, apesar de nesta altura (verão de 1814) usar luto pela mulher dele, não o considerava digno de voltar a tomá-lo em consideração. É provável que já tivessem ultrapassado o desprestígio do primeiro casamento, visto não haver razão para o supor perpetuado por descendentes, se não houvesse pior: de acordo com alguns amigos generosos, ele tinha falado da família com enorme desrespeito, de modo totalmente depreciativo e desdenhando do próprio sangue que partilhava e das honras que no futuro lhe caberiam. Isso era imperdoável.

Assim eram os sentimentos e sensações de Elizabeth Elliot; tais eram as preocupações que a incomodavam, as agitações que a alteravam, bem como a monotonia e elegância, as prosperidades e os nadas da sua situação na vida; eram estas as impressões que davam interesse a uma residência longa e rotineira num círculo rural, preenchendo os vazios que ela não poderia ocupar com qualquer atividade útil, talento ou conquista doméstica.

Neste momento, no entanto, outra preocupação se acrescentou a estas. O pai começava a sentir dificuldades financeiras. Ela sabia que, quando ele agora pegava na *Crónica dos Baronetes*, era para se distrair das contas pesadas dos fornecedores e das sugestões indesejadas do Sr. Shepherd, o seu agente. Os bens de Kellynch eram bons, mas não suficientes para o nível de vida que Sir Walter achava necessário para o seu proprietário. Enquanto Lady Elliot era viva, tinha havido método, moderação e economia, e Sir Walter vivera dentro das suas posses; mas com ela tinha morrido toda a prudência e, desde essa altura, sempre se tinham feito despesas em excesso. Não lhe era possível gastar menos; Sir Walter Elliot não podia deixar de fazer o que era imperioso que fizesse. Deste

modo, considerando-se isento de culpas, não só se endividava cada vez mais, como também lhe chamavam tantas vezes a atenção para isso, que já não servia de nada tentar esconder a situação, mesmo parcialmente, da filha. Já dera algumas pistas a Elizabeth na mais recente visita de primavera à cidade; chegara a perguntar: «Poderemos restringir as despesas? Lembra-te de alguma área em que seja possível poupar?» E, no primeiro ardor da preocupação feminina, Elizabeth, é preciso reconhecer, tinha pensado seriamente no que se poderia fazer, tendo chegado a propor duas soluções de poupança — cortarem esmolos desnecessárias e não renovarem a mobília da sala de visitas —, expedientes a que acrescentou a ideia feliz de não darem um presente a Anne, como todos os anos se costumava fazer. Estas medidas, no entanto, apesar de razoáveis em si mesmas, eram insuficientes perante a verdadeira dimensão do problema, que pouco depois Sir Walter se viu obrigado a confessar. Elizabeth não teve nada mais eficaz a propor. Sentiu-se injustiçada e infeliz, como também o pai se sentia. A nenhum deles ocorreu uma forma de cortarem despesas sem comprometerem a dignidade ou abdicarem de confortos de um modo inaceitável.

Sir Walter só podia vender uma pequena parte dos seus terrenos; mas, mesmo que pudesse vender todos os hectares, isso não teria feito diferença. Usara os bens possíveis como garantia de empréstimo, mas nunca aceitaria vender. Não, nunca desonraria o seu nome a esse ponto. A propriedade de Kellynch seria transmitida integralmente e intacta, tal como ele a tinha recebido.

Os dois amigos e confidentes da família — o Sr. Shepherd, que vivia na cidade vizinha, e Lady Russell — foram chamados para os aconselharem; e tanto o pai como a filha pareciam esperar que um deles se lembrasse de alguma solução que lhes permitisse resolver os problemas e restringir as despesas sem perda de qualquer luxo ou ferida no orgulho.

II

O Sr. Shepherd, um advogado cortês e cauteloso que, independentemente do que pensava sobre Sir Walter, preferia que as verdades *desagradáveis* fossem salientadas por outra pessoa, eximiu-se de apresentar qualquer sugestão, limitando-se a fazer uma referência implícita ao excelente discernimento de Lady Russell, pois confiava plenamente que o seu conhecido bom senso a levasse a propor as necessárias medidas firmes que ele queria que fossem adotadas.

Lady Russell, reagindo ao problema com um rigor motivado pela ansiedade, pensou seriamente sobre a questão. Era uma mulher que se distinguia mais pela sensatez do que pela rapidez, e neste caso sentiu grandes dificuldades em tomar uma decisão, devido à oposição de dois princípios fundamentais. Ela própria tinha uma integridade rigorosa, com uma delicada consciência de honra; mas preocupava-se tanto em poupar os sentimentos de Sir Walter como com as dívidas da família, e, à semelhança de qualquer outra pessoa sensata e honesta, defendia ideias aristocráticas sobre o que lhes era devido. Tratava-se de uma boa mulher, benevolente e caridosa, capaz de ligações fortes, corretíssima no comportamento, com noções de decoro rigorosas e com modos que eram considerados o paradigma da boa educação. Era culta e, em geral, racional e coerente; mas tinha preconceitos no que toca à linhagem; valorizava o estatuto e a importância, o que a cegava um pouco para os defeitos dos que os possuíam. Ela própria era viúva de um simples cavaleiro, pelo que encarava

a dignidade de baronete com todo o respeito; e Sir Walter, além de ser um velho conhecido, vizinho atencioso, proprietário de terras amável, marido de uma amiga muito querida, pai de Anne e das irmãs, por ser Sir Walter, tinha, na perspectiva de Lady Russell, direito a uma grande dose de compaixão e consideração perante aquelas dificuldades.

Era preciso restringirem as despesas; sobre isso não havia dúvidas. Mas ela queria muito que tal acontecesse com o menor sofrimento possível para ele e Elizabeth. Desenvolveu planos de poupança, fez cálculos exatos e também o que mais ninguém se lembrara de fazer: consultou Anne, que não fora tomada em consideração pelos outros, que pareciam pensar que não seria afetada pela questão. Consultou e, até certo ponto, foi influenciada por ela no desenvolvimento do esquema de corte de despesas depois proposto a Sir Walter. Todas as correções de Anne favoreceram a honestidade em detrimento do prestígio social. Anne defendeu medidas mais vigorosas, uma reforma mais completa, uma liquidação mais rápida da dívida, mostrando uma atitude de indiferença muito mais forte a tudo o que não fosse a justiça e a equidade.

— Se convenceremos o teu pai a fazer isto — comentou Lady Russell, dando uma vista de olhos ao documento —, já será muito. Se cumprir estas regras, daqui a sete anos estará livre de dívidas; e espero que consigamos convencê-lo, a ele como à Elizabeth, de que Kellynch Hall tem um prestígio que não será afetado por estes cortes e também de que, aos olhos das pessoas sensatas, a verdadeira dignidade de Sir Walter Elliot em nada será diminuída pelo facto de ele agir como homem de princípios. Que fará ele, aliás, que tantas das nossas famílias mais importantes não tenham feito já ou devessem fazer? Não haverá nada de singular neste caso; e muitas vezes é à singularidade que se deve a pior parte do nosso sofrimento, como acontece sempre no que toca ao nosso comportamento. Tenho grandes esperanças de o convencer. É preciso agir com seriedade e decisão porque, no fim de contas, quem

contraíu dívidas tem de as pagar; e embora os sentimentos de um cavalheiro e de um chefe de família como o teu pai mereçam muito respeito, muito mais merece o carácter de um homem honesto.

Era por estes princípios defendidos pelos amigos que Anne queria que o seu pai se guiasse. Anne achava que era indispensável pagar aos credores com toda a rapidez permitida pelos cortes de despesas mais abrangentes, e não considerava digno nada menos do que isso. Queria que fosse uma obrigação e considerava-o um dever. Dava muito valor à influência de Lady Russell; e, com o elevado espírito de sacrifício que a sua própria consciência exigia, parecia-lhe que convencê-los a fazer uma reorganização completa, em vez de parcial, pouco mais esforço exigiria. O que conhecia do pai e de Elizabeth levava-a a acreditar que sacrificar uma parelha de cavalos pouco menos doloroso seria do que sacrificar duas, e por aí adiante, através da lista demasiado suave de cortes de Lady Russell.

Como as medidas mais severas de Anne teriam sido recebidas é irrelevante. As de Lady Russell não alcançaram qualquer sucesso: eram inconcebíveis, não podiam ser aceites.

— O quê? Ficarmos sem nenhum conforto na vida? Viagens, Londres, criados, cavalos, mesa... contrações e cortes em todas as áreas! Prescindirmos das dignidades devidas a qualquer cavalheiro! Abandonarmos imediatamente Kellynch Hall seria preferível a ficarmos em condições tão desonrosas.

— Abandonar Kellynch Hall! — O Sr. Shepherd, que tinha interesses dependentes do corte de despesas de Sir Walter e a certeza absoluta de que nada seria possível sem uma mudança de morada, aproveitou imediatamente a sugestão. Já que a ideia tinha vindo precisamente de quem podia decidir, confessava sem escrúpulos que a sua avaliação se situava totalmente nesse quadrante. Não lhe parecia que Sir Walter conseguisse alterar substancialmente o seu estilo de vida numa casa com tantas obrigações de hospitalidade e tamanha dignidade ancestral a defender. Em qualquer outro lugar, Sir Walter seria livre de viver como quisesse

e inspiraria respeito pelo facto de ele próprio definir os princípios da organização do seu quotidiano doméstico.

Ficou decidido que Sir Walter sairia de Kellynch Hall; e, depois de uns poucos dias mais de dúvida e indecisão, a grande questão sobre para onde iria resolveu-se, definindo-se assim as primeiras linhas gerais desta mudança importante.

Tinham sido discutidas três alternativas: Londres, Bath ou outra casa no campo. Todos os desejos de Anne apontavam para a terceira hipótese. Uma casa pequena na mesma zona, onde continuassem a conviver com Lady Russell, perto de Mary, e às vezes tivessem o prazer de ver os relvados e árvores de Kellynch, era o que ela ambicionava. Mas ia acontecer aquilo a que já estava habituada: o oposto do que ela preferia. Anne não só não gostava de Bath como achava que a cidade não se coadunava com o seu temperamento; mas em Bath passaria a morar.

Inicialmente, Sir Walter tinha pensado em Londres; mas o Sr. Shepherd, sentindo que não se poderia confiar nele em Londres, fora hábil o suficiente para o dissuadir dessa ideia e convencer a preferir Bath. Seria um lugar muito mais seguro para um cavalheiro com o problema dele: ali poderia ser importante sem incorrer em grandes despesas. Duas vantagens relevantes de Bath sobre Londres tinham, claro, sido devidamente sublinhadas: o facto de ser mais perto de Kellynch, ficando apenas a cerca de oitenta quilómetros; e a circunstância de Lady Russell todos os anos passar ali uma parte do inverno. E, para grande satisfação de Lady Russell, que, perante a mudança que se perspectivava desde logo manifestara preferência por Bath, Sir Walter e Elizabeth foram persuadidos a acreditar que não perderiam nem importância nem oportunidades de divertimento se se instalassem nessa zona.

Lady Russell sentiu-se obrigada a contrariar os desejos da sua querida Anne. Não se podia esperar que Sir Walter aceitasse viver numa casa pequena na mesma zona. A própria Anne se sentiria mais humilhada do que imaginava; em Sir Walter, esses

sentimentos seriam medonhos. E quanto à aversão de Anne por Bath, parecia-lhe um preconceito e um erro, relacionados, primeiro, com a circunstância de ter passado lá três anos na escola depois da morte da mãe; e, segundo, com o facto de Anne não estar com a melhor das disposições no único inverno que a seguir tinha passado lá consigo.

Em suma, Lady Russell gostava de Bath e por isso acreditava que todos se adaptariam bem; e, quanto à saúde da sua jovem amiga, se passasse todos os meses de calor com ela na sua casa em Kellynch, todos os perigos seriam evitados; na verdade, seria uma mudança que de certeza lhe faria bem à saúde e ao ânimo. Anne pouco tempo tinha passado fora de casa, pouco tinha visto. Não era uma pessoa alegre. Um convívio mais amplo melhoraria essa situação. Lady Russell queria que mais gente a conhecesse.

Sem dúvida, a perspectiva indesejável de Sir Walter se instalar noutra casa na mesma zona foi muito reforçada por uma questão, que era uma faceta importantíssima do esquema que felizmente ficara clara desde o início. Ele teria não só de abandonar a sua casa mas também de a ver na posse de outros, uma provação que já cabeças mais fortes do que a de Sir Walter tinham achado demasiado difícil de suportar. Kellynch Hall seria arrendado. Isto, no entanto, era um grande segredo, que não devia sair do círculo a que pertenciam.

Saber-se que tencionava arrendar a sua casa seria uma humilhação que Sir Walter não teria suportado. O Sr. Shepherd mencionara uma vez a palavra «anúncio», mas nunca mais se atrevera a tocar nesse assunto. Sir Walter abominava a ideia de a casa ser oferecida de alguma maneira; proibiu que se fizesse a menor alusão a essa intenção; e só se houvesse a suposição de ter sido contactado espontaneamente por algum candidato excepcional aceitaria, a título de grande favor e impondo as suas condições.

Com que rapidez nos ocorrem razões para defendermos o que nos agrada! Lady Russell não tardou a lembrar-se de mais um excelente motivo para ficar contentíssima pelo facto de Sir Walter

e a sua família deixarem de viver ali. Nos últimos tempos, Elizabeth formara uma ligação próxima que Lady Russell desejava que fosse interrompida. Pensava na filha do Sr. Shepherd, que, depois de um casamento pouco próspero, regressara à casa do pai com o fardo adicional de dois filhos. Era uma rapariga inteligente, que compreendia a arte de agradar — pelo menos em Kellynch Hall — e que tinha uma relação tão próxima com a menina Elliot, que já mais do que uma vez ficara lá hospedada, apesar de todas as sugestões de cautela e reserva de Lady Russell, que a achava uma amizade pouco própria.

Lady Russell, na verdade, pouca influência tinha com Elizabeth, parecendo estimá-la mais por ser um sentimento instintivo nela do que por Elizabeth merecer. De Elizabeth nunca recebera mais do que atenções formais, nada para lá das regras da delicadeza; nunca a convencera de nada que defendesse, nunca levara a melhor sobre qualquer inclinação prévia. Por várias vezes tinha defendido convictamente que Anne devia ser incluída nas excursões a Londres, sensatamente consciente de toda a injustiça e demérito dos planos egoístas que a excluía, e em muitas outras ocasiões menos importantes tentara transmitir a Elizabeth o benefício do seu melhor discernimento e da sua experiência, mas sempre em vão: Elizabeth fazia sempre o que lhe apetecia; e nunca se opusera de modo mais decidido a Lady Russell do que no caso desta preferência pela Sr.^a Clay, preterindo o convívio com uma irmã tão mercedora, para entregar os seus afetos e confiança a alguém que não merecia mais do que cortesia distante.

Devido ao seu estatuto, segundo Lady Russell, a Sr.^a Clay era uma companheira que não estava à altura de Elizabeth, podendo mesmo, pelo seu carácter, ser considerada uma companhia muito perigosa; por isso, uma mudança que a afastasse da Sr.^a Clay e lhe proporcionasse uma grande escolha de amigos próximos mais adequados seria de máxima importância.

«Ofereço-me a ti mais uma vez,
com um coração que ainda é mais teu
do que quando quase o partiste.»

Na complexa alta sociedade de Bath do início do século XIX, Anne Elliot, de dezanove anos, é persuadida a romper o noivado com o oficial da marinha Frederick Wentworth, um jovem valoroso, mas sem estatuto nem fortuna, por quem estava apaixonada. Oito anos depois, um reencontro inesperado desperta, em ambos, sentimentos fortes e contraditórios, impossíveis de conter.

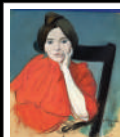
Publicado em 1817, seis meses após a morte de Jane Austen, *Persuasão* distingue-se como um romance de maturidade, subtil e perspicaz, onde as mulheres têm uma força interior singular e partilham com os homens o mesmo sentido de justiça e moralidade. Uma sátira brilhante à vaidade e ao pretensiosismo que espartilhavam as relações da época, mas que não deixa, em nenhum momento, de ser uma história de amor apaixonante.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Alda Rodrigues
Introdução de Dulce Maria Cardoso



Portrait of a Woman, 1890
(pastel sobre papel),
Louis Anquetin (1861-1932)

© Bridgeman Images

ISBN 9789897846625



9 789897 846625 >

penguinlivros.pt

f t i penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial